

A UTILIZAÇÃO DA HISTOPATOLOGIA COMO FERRAMENTA NA DISTINÇÃO ENTRE ESPOROTRICOSE E CCE EM GATOS: RELATO DE CASO

Brenda Karolainy Faccio Gonçalves^{1*}, Myrian Kátia Iser Teixeira², Tales Ardito França³, Aléxia Luiza Murta F.⁴, Amanda Stephanie Pereira Passos⁵, Bruna Kathlen Cunha Soares⁶, Emanuelle Cristina Souza Pires⁷

¹ Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Newton Paiva – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: brendafaccio1@gmail.com

² Docente do Curso de Medicina Veterinária- Centro Universitário Newton Paiva – Belo Horizonte/MG – Brasil

³ Médico Veterinário na Intervet Centro Veterinário – Sete Lagoas/MG – Brasil

⁴ Discente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Newton Paiva – Belo Horizonte/MG – Brasil

⁵ Discente do Curso de Medicina Veterinária- Centro Universitário Newton Paiva- Belo Horizonte/MG – Brasil

⁶ Discente do Curso de Medicina Veterinária- Centro Universitário Newton Paiva- Belo Horizonte/MG – Brasil

⁷ Discente do Curso de Medicina Veterinária- Centro Universitário Newton Paiva- Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

Dentre as neoplasias cutâneas que afetam os felinos, podemos destacar o fibrossarcoma, o mastocitoma, os tumores de células basais e o carcinoma de células escamosas (CCE), sendo este uma neoplasia maligna de células epiteliais com maior importância devido a sua predominância na casuística da rotina clínica, pois estima-se que as neoplasias de pele representam cerca de 50 a 65% dos casos em felinos⁷.

Os felinos de pelagem branca, principalmente nas orelhas, e aqueles com despigmentação na região do plano nasal, pálpebras e lábios, têm maior predisposição a desenvolver carcinoma, dado que a melanina presente na pele é responsável pela proteção contra os raios UV. Estudos apontam que a radiação ultravioleta solar é o principal fator desencadeador do processo mutagênico para a formação da neoplasia. Em animais que têm CCE, é possível observar alterações cutâneas que não cicatrizam, às vezes ulceradas e infeccionadas. No entanto, assim, como o CCE, existem outras enfermidades que apresentam sinais e sintomas semelhantes, dentre elas destacamos a esporotricose^{1,2,3,6,9}.

A esporotricose é uma infecção crônica causada por um fungo dimórfico, denominado *Sporothrix spp.*, que possui um amplo espectro de manifestações clínicas como, forma cutânea localizada ou disseminada, linfocutânea e extracutânea ou sistêmica⁴. Portanto, devido às correlações de lesões, o ideal para se obter um diagnóstico diferencial em casos de esporotricose e CCE em felinos é a realização de um estudo mais aprofundado do tecido lesionado, sendo assim, recomendado a realização de um histopatológico a partir da biópsia realizada⁵.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Foi atendida, na Clínica Escola de Veterinária da Newton Paiva, uma gata de aproximadamente 5 anos, sem raça definida, com histórico de tratamento para esporotricose há cerca de 2 meses, a paciente apresentava como sintomatologia clínica apenas lesão em região de plano nasal, sem nenhuma outra alteração relatada pelos tutores. O animal foi resgatado apresentando uma lesão irregular na região do plano nasal e, sob responsabilidade do tutor, foi tratado com o antifúngico Itraconazol, que é considerado o fármaco de primeira escolha para a abordagem terapêutica de esporotricose em felinos domésticos, por um período de um mês. Diante da ausência de melhora clínica, o tutor procurou atendimento veterinário, momento em que foi realizado um exame de raspado da lesão, descartando o diagnóstico de esporotricose. No entanto, o tutor continuou administrando tratamentos de forma independente, combinando Itraconazol com Iodeto de Potássio, combinação essa que apresenta cerca de 63,2% de efetividade nas abordagens terapêuticas para esporotricose¹⁰. A progressão da lesão levou o proprietário a buscar atendimento na Clínica Escola, assim, ao chegar, o felino apresentava uma lesão de formato irregular e ulcerada, recoberta por crostas, afetando ambas as narinas, com extensão aproximada de 3 cm (Figura 1). Diante do histórico de tentativas de tratamento para esporotricose sem sucesso e da observação de nodulações na região nasal do animal, a médica veterinária responsável pelo atendimento optou por realizar uma biópsia incisional na área lesionada, visando obter material para análise e possível diagnóstico do caso. A seleção da técnica de biópsia adotada baseou-se na inviabilidade de realizar a excisão cirúrgica na área afetada pela lesão, visto que esse e outros fatores são levados em consideração no momento de escolha de técnica para coleta de tecido possivelmente neoplásico⁸.

O material coletado foi encaminhado ao laboratório para a realização de exame histopatológico, que resultou no diagnóstico de carcinoma de

células escamosas (CCE) (Figura 2). Somente após a análise histopatológica foi possível delinear um plano de tratamento adequado ao problema do animal.



Figura 1: Lesão de formato irregular, ulcerada, com a presença de crostas em felino de 5 anos. (Fonte: Arquivo pessoal)

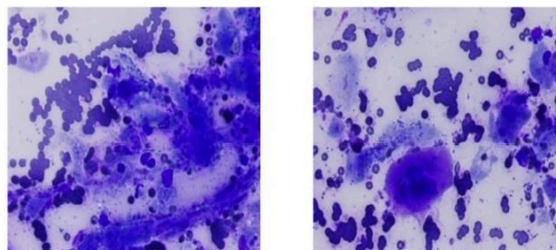
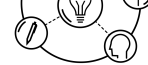


Figura 2: Fotomicrografia obtida a partir do fragmento de tecido coletado por meio de biópsia incisional da lesão presente no plano nasal do felino. Possível observar anisocitose e anisocariose moderadas a acentuadas, além de presença de células nucleadas. (Fonte: Arquivo pessoal)

A anisocitose, observada na análise histopatológica, é um fator frequentemente associado à malignidade em populações de células neoplásicas. Essa particularidade caracteriza-se por variação significativa no tamanho das células dentro de uma mesma área. De maneira semelhante, a anisocariose, que também foi descrita no tecido, que refere-se à heterogeneidade no tamanho dos núcleos celulares em uma mesma população. A literatura científica sugere que a magnitude do núcleo está diretamente correlacionada ao potencial maligno, sendo núcleos maiores indicativos de maior agressividade tumoral⁷.

Assim, após o diagnóstico de CCE, os médicos veterinários envolvidos decidiram, como primeira abordagem, a utilização da eletroquimioterapia visando a remissão tumoral. Essa escolha foi fundamentada na ausência de metástases em outros tecidos ou órgãos, conforme os exames complementares de imagem, e na falta de margens de segurança adequadas na região do tumor primário. Durante os primeiros retornos do animal à clínica para monitoramento da evolução da doença, observou-se que a paciente apresentou uma resposta clínica favorável após a primeira sessão de eletroquimioterapia (Figura 3).



XIV Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente



Figura 3: O animal realizou uma nova consulta um mês após a primeira sessão e já apresentava remissão tumoral. (Fonte: Arquivo pessoal)

APOIO:



A realização do exame histopatológico da lesão, inicialmente suspeita de esporotricose, foi fundamental para o diagnóstico definitivo de CCE no felino, permitindo a implementação de uma intervenção terapêutica adequada. Devido à localização anatômica e às características da lesão, o CCE deve ser considerado um diagnóstico diferencial importante em casos suspeitos de esporotricose em felinos, especialmente pela sua predileção por áreas como o pavilhão auricular e o plano nasal ^{4,5}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento prévio acerca da similaridade das lesões provocadas por esporotricose e carcinoma de células escamosas é fundamental para a escolha adequada do método diagnóstico e do protocolo terapêutico subsequente. Embora ambas as condições possam ser diagnosticadas por meio de citologia, no caso do CCE, o exame histopatológico é recomendado como a técnica mais apropriada para alcançar um diagnóstico definitivo. Portanto, pode-se afirmar que o exame histopatológico desempenha um papel crucial no diagnóstico preciso do CCE.

Ademais, o exame histopatológico possibilita a análise minuciosa de características celulares, além de fornecer uma avaliação da arquitetura do tecido neoplásico, sua interação com os tecidos adjacentes, a presença de invasão tecidual e a possibilidade de comportamento metastático, evidenciada pela detecção de células tumorais em vasos linfáticos ou sanguíneos, se tornando assim, o exame mais recomendado para diagnóstico definitivo de neoplasias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- CORRÊA J, M, X et al. Medvop - Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação; 2017.
- 2- JUNIOR M. P. A et al.- Caderno técnico de Veterinária e Zootecnia-Oncologia em pequenos animais, 2013.
- 3- MARELO. S. R. B. A Eletroquimioterapia no Tratamento de Neoplasias em Gatos. 2018. Dissertação. (Mestrado em Medicina Veterinária)- Escola Universitária Vasco da Gama (UEVG), 2018.
- 4- SANTOS. F. A. Esporotricose felina: Distribuição das Lesões e Caracterização Anatomopatológica em Gatos Utilizando Diversos Métodos de Diagnóstico. 2020. Dissertação. (Mestrado em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.
- 5- SCHURT. G. C. et al. Diagnóstico Diferencial de Carcinoma de Células Escamosas e Esporotricose em Felino - Revista Científica de Medicina Veterinária, 2017.
- 6- LIMA, A. L. et al. Melanomas e carcinomas epidermóides em animais de companhia e sua importância no desenvolvimento de estudos para a saúde humana, 2022.
- 7- DALECK, R.C, DE NARDI, B. A. Oncologia em Cães e Gatos, 2ed. Rio de Janeiro, Roca, 2016.
- 8- JERICÓ, M. M.; ANDRADE NETO, J. P.; KOGIKA, M.M. Tratado de medicina interna de cães e gatos. 2015.
- 9- DE PAULA MVM et Al p33. Jornal MedVet Science FCAA, 2019.
- 10 - ROSA, C, S. et al. Terapêutica da esporotricose: Revisão. 2017.